

## JAMES S. HOLMES, ESTUDOS DA TRADUÇÃO E A ÉTICA QUEER DA PRIMEIRA PESSOA

Christopher Larkosh<sup>1</sup>

<sup>1</sup>University of Massachusetts Dartmouth

Tradução de André Luís Leite de Menezes Berndt<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** A disciplina acadêmica conhecida como Estudos da Tradução já é queer, e assim tem sido desde sua origem. Concebida pelo pesquisador abertamente gay e ativista James S. Holmes para atuar nas fronteiras do conhecimento acadêmico, a disciplina ainda se baseia naqueles primeiros mapas e modelos para esboçar seus modelos sistemáticos propensos a mudanças, frequentemente às margens do pensamento teórico. Holmes estava tão empenhado na vida como ativista gay em Amsterdã e em sua emergente cena leather quanto estava em traduzir poesia de língua holandesa com seu companheiro holandês, sem falar da pesquisa seminal que realizou para o desenvolvimento dos Estudos da Tradução enquanto disciplina autônoma. Há uma ética específica para falar do *self* e de seus desejos neste contexto disciplinar? Para responder à pergunta o presente artigo revisita a atividade profissional e a figura do tradutor, essa entidade cultural e linguística complexa, caracterizada por desejos, paixões e engajamentos políticos que vão muito além do ato de traduzir.

**Palavras-chave:** James Holmes; Sexualidade queer; Leather; Tradução holandês-inglês; Visibilidade



BY

## JAMES S. HOLMES, TRANSLATION STUDIES, AND THE QUEER ETHICS OF THE FIRST PERSON

**Abstract:** The academic discipline known as translation studies is already queer, and has been since its very inception: conceived by openly gay scholar and activist James S. Holmes to work between the borders of academic categorization, translation studies still draws on these early maps and models to imagine itself and its continually shifting coordinates, often at the margins of theoretical activity. Holmes was as concerned with life as a gay activist in Amsterdam and its burgeoning leather scene as he was with translating Dutch-language poetry with his Dutch partner, to say nothing of producing the seminal research to the development of translation studies as a separate academic discipline. Is there a particular ethics of speaking of the self and its desires in this disciplinary context? In order to answer this question, this paper revisits the professional activity and figure of the translator, a complex cultural and linguistic entity characterized by desires, pas[s]ions and political engagements that go far beyond the act of translation.

**Keywords:** James Holmes; Queer sexuality; Leather; Dutch-English Translation; Visibility

### Introdução

O que mais pode ser considerado *queer* senão a disciplina acadêmica dos Estudos da Tradução? E existe uma ética correspondente para falar do *self* e de seus desejos, dentro desse contexto disciplinar em particular?

Para examinar essas questões mais de perto, intento visitar a atividade profissional e a figura pública do tradutor, conceituada como uma entidade cultural e linguística complexa, multifacetada, de carne e osso e em constante evolução, com desejos, paixões e engajamentos políticos que se estendem para além do ato de tradução, ou uma persona profissional formada por afiliação acadêmica, sem mencionar qualquer outro papel complementar, pedagógico ou profissional, que essas atribuições possam exercer. O exemplo primordial será o de James S. Holmes, um reconhecido “pai fun-

dador” (ou melhor, uma “primeira pessoa”) dos Estudos da Tradução, mas também poeta, tradutor de uma vasta gama de poesia e prosa holandesa dos séculos XIX e XX e ativista gay/da aids na Amsterdã dos anos 1970 e 80. Irei recorrer não apenas à atividade intelectual, acadêmica, literária e política multifacetada do próprio Holmes, mas também aos diversos contextos culturais em que ele atuou, a cidade multilíngue de Amsterdã, relativamente aberta à sexualidade, do pós-Segunda Guerra Mundial.

Para falar do *self*, especialmente de um modo que não seja nem generalizado demais nem estritamente teórico, mas acima de tudo consubstanciado e particular, talvez seja necessário falar de mim mesmo, algo que muitos pesquisadores da tradução ainda parecem surpreendentemente hesitosos em fazer. No verão passado, tive a oportunidade de residir em Amsterdã para reunir o acervo relacionado ao poeta e pesquisador *queer*, fundador dos Estudos da Tradução, James S. Holmes. Essa estada de seis semanas permitiu-me não apenas consultar os arquivos sobre Holmes no Lesbian and Gay Archives (Ihlia), na Biblioteca Pública de Amsterdã, no Instituto de História Social, além de documentos privados, como também comparecer ao festival Europride 2016, que incluía a participação de acadêmicos, refugiados LGBTQ e ativistas em uma conferência realizada ao mesmo tempo, intitulada “Out and Proud in Europe?”<sup>1</sup>, título este que se problematiza com um ponto de interrogação criticamente necessário. O resultado não foi somente o que parecia uma quantidade quase incontável de imagens visuais e materiais textuais coletados ao longo de um único mês, mas também uma série de experiências vividas com outras pessoas e aquilo que compreendiam por viver entre línguas e entre identidade sexual e identidade de gênero<sup>2</sup>. A utopia frequentemente elusiva, mas ain-

---

<sup>1</sup> N. do T.: “Assumido e com orgulho na Europa?”

<sup>2</sup> Gostaria de agradecer aos meus colegas da Universidade de Amsterdã, especialmente Gert Hekma, Robby Davidson e Mattias Duijves, bem como a Marita Keilson-Lauritz, pela sua assistência e por tornarem possível esta pesquisa, assim como ao colega pesquisador Renaud Chantraine. Agradeço também a José Santamília e sua equipe de organizadores, especialmente Elena Castellano Ortolá, por

da duradoura, de uma dita comunidade está, portanto, no centro temático de nossa discussão, seja ela acadêmica, cultural ou sexual. Embora possa não ter sido utópica, houve momentos em que definitivamente parecia sê-lo, olhando para trás, mesmo no rescaldo de momentos utópicos anteriores, talvez mais esperançosos, ou à beira de lapsos de autoritarismo ou de outros desastres humanos que ainda possam estar à nossa espreita.

Tendo em mente essa experiência pessoal e consubstancial, aquilo que chamo de “ética queer da primeira pessoa” norteará este estudo: uma abordagem metodológica que rejeita as noções convencionais da disciplina que defendem um suposto ponto de vista oficial e distanciado como a regra de ouro do rigor metodológico, contrastando-o com um outro que reconhece que a própria presença no espaço da narrativa condiciona qualquer interpretação textual e intervenção intelectual subsequentes. À luz de uma série — em contínua expansão — de narrativas de primeira pessoa e reinterpretações que partem de cada ato de tradução, pode alguém realmente esperar que cumpramos a já famosa injunção de Michel Foucault em sua *Arqueologia do Saber*: “não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo<sup>3</sup>” (Foucault, 1972, p. 17, minha tradução)? Pelo contrário, pode ser impossível levar a sério a primeira parte desse pedido ou exigência (“não me pergunte quem sou”), não fosse pela segunda, mais qualificada, “não me diga para permanecer o mesmo”. Talvez isso seja o mais próximo que posso chegar ao falar da queerness da tradução. No momento em que qualquer um de nós é traduzido, nossa

---

ter me convidado à Universidade de Valência para falar desta pesquisa em uma apresentação oral. Embora estudiosos como José, eu e tantas outras mulheres e homens tenhamos trabalhado com esses tópicos por boa parte dos últimos vinte anos ou mais, oportunidades como essas, em que nos reunimos para discutir questões de gênero e sexualidade no âmbito dos Estudos da Tradução, ainda são raras e esporádicas demais e têm recebido pouco reconhecimento, ainda que testemunhem um renovado interesse neste tópico, evidenciado por meio conferências, sessões de painéis e publicações na área.

<sup>3</sup> N. do T.: “do not ask me who I am and do not ask me to stay the same.”

identidade é descentralizada e nossas palavras originais, em boa medida, são desarticuladas; deixamos de ser os mesmos — e talvez nunca o fôssemos desde o início. Por mais que alguém possa argumentar em favor de um maior rigor metodológico em nome da integridade disciplinar, pode isso também resultar no efeito colateral, provavelmente intencional, de promover uma marginalização ainda maior, a ponto de excluir totalmente aquelas vozes cujos modos de argumentação, muitas vezes baseados em modos de discussão e intercâmbio culturalmente específicos, perderiam seu impacto crítico se estivessem em conformidade com as atuais normas convencionais do discurso acadêmico.

Então, novamente, a academia, especialmente em sua atual encarnação neoliberal, parece ter uma maneira curiosa de eliminar e marginalizar aqueles pesquisadores considerados não tradicionais, que, na verdade, são capazes de promover inquietações em prol de uma reavaliação completa das formas como pensamos e teorizamos, não apenas sobre o papel da sexualidade e do gênero na sociedade, mas da própria estrutura da sociedade como um todo. A esse respeito, atrevo-me a dizer que nos últimos anos as habituais exigências de um maior rigor metodológico nesta disciplina levam-me a concluir que os Estudos da Tradução têm se enveredado pelo mesmo caminho de tantas outras disciplinas que conseguiram se estabelecer até certo ponto: a incessante ameaça de dissolução compele estudiosos a estreitar o círculo daqueles que leem, citam e a ela se associam, tendo como consequência a limitação da corrente de abordagens não normativas<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> *Can I get an amen?* A título de exemplo, isso me faz lembrar da minha primeira conferência acadêmica em Estudos da Tradução, realizada fora de Copenhague na primavera de 1995. Um renomado pesquisador sênior de Leuven estava dando sua palestra principal, e eu estava lá como aluno de graduação para ouvir tanto ele como outros especialistas da área, e fazer uma breve apresentação sobre as possibilidades de ensino da teoria de tradução a partir das minhas experiências ministrando o que acredito ter sido um dos primeiros cursos em nível universitário dedicado aos Estudos da Tradução e à teoria *Queer*, oferecido na UC Berkeley no outono de 1993. Meu colega belga estava falando sobre o ato de escuta como uma atividade inaudível e, para complementar, perguntei se exemplos de

Talvez seja justamente por conta de considerações estéticas e éticas como essas que, à medida que busco reinterpretar textos escritos em sua língua original ao lado de suas traduções no contexto de hoje e nos contextos da primeira pessoa em que são traduzidos, não deixo de recordar-me da necessidade de não ceder aos fetichismos atuais da universidade neoliberal mais do que devo. Acima de tudo, às suas demandas excessivas do uso de tecnologia de ponta e “melhores práticas” pedagógicas padronizadas conforme se articula no presente vocabulário institucional projetado para normatizar os interesses econômicos e políticos das elites em detrimento dos grupos marginalizados. Portanto, espero que a ironia desse duplo vínculo não esteja perdida nos dias hoje, em quem quer que seja. O ambiente cultural de agora faz com que qualquer rearticulação em torno de tais medidas libertadoras pareça ilógica, ou até completamente impossível. E, no entanto, qual seria a alternativa, se não tentar revisitar e tentar reinterpretar esses variados modelos de libertação sexual e política? É aí que reside o duplo vínculo recorrente ao qual muito do trabalho crítico em tradução e interpretação está sujeito: aquela tradução que tanto Derrida (1985) quanto outros, antes e depois, reconheceram como necessária e impossí-

---

culturas não europeias, como o afro-americano “Amém!” durante os sermões da igreja, ou mesmo as afirmações curtas e acenos tão comuns na conversação japonesa, podiam ser considerados formas de escuta audível. Sua resposta foi tão sucinta quanto audível, enquanto ecoava pela sala de aula lotada: “Oh, cale a boca!” (uma resposta que talvez tenha mostrado muito bem o que ele pensava de uma escuta empenhada, uma resposta que foi rapidamente seguida por gargalhadas estrondosas de seus colegas na plateia). Embora mais tarde ele tenha se desculpado comigo em particular, enquanto eu enchia meu prato ao lado dele no bufê do almoço, basta dizer que eu não tinha mais nenhuma vontade de comparecer a outra conferência de estudos de tradução tão cedo, e foi assim pelos nove anos seguintes. No entanto, enviei e publiquei meu artigo nos anais daquela conferência: é um dos primeiros a mencionar a sexualidade como possível “novo horizonte” para a pesquisa em estudos da tradução, isso apesar dos protestos e até da tentativa de retirar essa referência “ofensiva” do meu texto final por parte de um dos coeditores. Felizmente, fui capaz de restaurá-la e acrescentá-la em uma nota durante a revisão final, muito parecida com esta que incluo aqui (Larkosh, 1996). Amém a isso.

vel. Esse tipo de abordagem crítica torna-se ainda mais necessário à medida que continuamos esse trabalho nos dias de hoje, em que somos marcados pela imposição de normas e práticas neoliberais como a ideologia operacional do que antes era chamado, na prática, de Mundo Livre, e agora é chamado simplesmente de Mundo. Portanto, não pretendo falar “do mundo”, mas apenas de alguns cantos dele obscurecidos, de uma forma intencionalmente *low-tech*, de pensamento lento, de modo a priorizar o encontro humano e o diálogo que ele pode gerar.

Tal resistência da minha parte diante de tantos movimentos de normatização metodológica poderia parecer um tanto irrelevante, não fosse o fato de que esse diálogo tenta envolver um conjunto de modelos de sexualidade não normativa de meados do século passado, que já podiam ser considerados queer. Não seria um pouco dissimulado se envolver com essas sexualidades alternativas, muitas vezes consideradas formas de perversão fetichista, ignorando os discursos institucionais de padronização e rigor metodológico que impõem uma série de moldes ainda mais perversa e invasiva para nós e em nós, sobretudo tentando limitar e, assim, determinar os próprios termos pelos quais posso articular tais questões em um contexto acadêmico cada vez mais globalizado? Pergunto então a você: qual desses dois fetichismos — um marginal, outro institucional — é realmente o mais perverso?

### **Traduzindo dentro e fora do *leather***

Por extensão, a perspectiva a partir da qual propomos essa revisitação é, como a de qualquer tradução, uma temporalidade queer que emerge entre o tempo da escrita e o tempo que encontra sua vida após a morte em subsequentes interpretações e análises renovadas. Esse ato, entretanto, nunca é garantido e pode muito bem ser a exceção ao invés da regra no caso de poetas relativamente desconhecidos, como Jacob Lowland, pseudônimo ou “alter ego esquizofrênico” que Holmes criou para assinar as suas tantas

criações poéticas, originais e traduzidas. Podemos interpretar o pseudônimo como uma espécie de tradução livre do próprio nome, tendo em vista a sua condição de migrante na Holanda. Seguindo nessa conduta de tradução livre, talvez os exemplos que os estudiosos dos Estudos da Tradução mais conheçam sejam as suas traduções de 1983 dos poemas latinos de Marcial; Jacob Lowland toma ampla liberdade com o original, transferindo a Roma antiga para um novo ambiente: o da cena *leather* de Amsterdã do final da década de 1970 e início de 80. O tom desses poemas é, sem dúvida, sarcástico, no espírito de Marcial: enquanto os originais latinos não possuem títulos, exceto números designados a eles por pesquisadores e arquivistas, nas traduções de Lowland eles passam a receber títulos. Compartilho a seguir um que recebe o título “The Meaning of Life”, e que se lê assim:

Listen, Rick: learn to live!  
It's getting late.  
(However soon you learn, it's always late,)

But you, poor Rick:  
it's years since you saw forty,  
but still you rush  
to every business party,

then up next day at dawn,  
slaving away  
behind your desk  
& by the time of day

when the two markets open,  
there you'll be  
buying this stock  
& that commodity

or at an auction,  
bidding on a lot  
of money-making houses, prints,  
what-not.

It's get, get, get, get, get.  
What is this crock?  
Okay,  
Your bank account is chockablock,

Ad you've got printouts  
listing thousands due  
still when you die  
your heir will swear that you

left, nothing, nothing!  
There you'll be, laid out  
In faded glory  
& that skinhead lout

already kissing (French)  
all your fine friends  
even before the ceremony ends  
& thinking thru his tears  
how he'll enjoy  
his first might fucking  
with your favorite boy (Lowland, 1983, p. vii-viii).

O que se destaca nessa tradução é a sua contemporaneidade impenitente de lugar e referência cultural, conseguindo preservar, na mesma medida, temas clássicos como os da morte e do esquecimento, lembrando-nos de que o dinheiro não pode nos salvar deste destino mais do que a poesia ou a tradução. Foi essa mistura de tempos e lugares que Judith (também conhecida como Jack) Halberstam (2005) chamou de “tempo queer”: aquele que sempre

esteve no âmago dos textos traduzidos e que continuamente aponta para a queerness da tradução, pois combina tempos e lugares anteriormente díspares em seu trânsito entre línguas e culturas.

Outros poemas, por outro lado, são assinados pelo próprio James Holmes e tornam a questão da queerness da tradução ainda mais explícita: há um inclusive intitulado “Translation”, que se refere à relação entre pessoas do mesmo sexo como uma espécie de ato tradutório. Trata-se, por essa razão, de um texto central para nossa discussão, pois fornece uma base textual concreta para que possamos estabelecer uma conexão clara entre sexualidades queer e tradução. Muitas das metáforas da tradução como um ato de amor e vice-versa são familiares para muitos de nós. Holmes escreve assim: “Eu me esforço para traduzir você: algumas partes são fáceis [...] Mas há partes suas que são tão intraduzíveis quanto um poema perfeito<sup>5</sup>” (Holmes, 1977, p. 35, minha tradução). O poema que acabo de citar talvez seja o melhor exemplo do próprio Holmes na tentativa de reconciliar partes de sua atividade profissional e criativa que tantas vezes eram mantidas separadamente.

Esse interesse renovado em analisar figuras fundamentais na disciplina e aquilo que podemos achar de relevante para os desafios atuais na comunicação intercultural é, no final das contas, o que está mais em jogo aqui. Além disso, à medida que selecionamos e reorganizamos esses arquivos, com vistas de construir uma narrativa coerente, há sempre um ou outro material residual que, embora complique e atrapalhe qualquer tentativa de revelar uma única história de gênero e/ou sexualidade nos Estudos da Tradução, não podemos deixar de acrescentar na narrativa nossas próprias histórias, assim como quando lemos uma tradução estamos lendo, em certo nível, as escolhas de uma tradutora ou tradutor, suas preocupações estéticas e éticas que se tornam um componente inexorável da complexidade da obra. E o que vem depois não para por aí necessariamente, pois quem pode afirmar que a nova geração de tantos outros

---

<sup>5</sup> N. do T.: “I strive to translate you: some parts are easy [...] But there are parts of you that are as untranslatable as a perfect poem.”

que estão ainda estão por vir à cena não lerá nossas intervenções como parte intrínseca da narrativa dessa disciplina multifacetada?

Se conferências recentes e pesquisas publicadas na área podem nos fornecer alguma orientação, a disciplina acadêmica conhecida como Estudos da Tradução não precisa ser “queerizada”, pois ela já é queer, e de fato o tem sido desde o início: concebida pelo próprio Holmes (1998) em seu ensaio seminal “The Name and Nature of Translation Studies” para atuar entre as fronteiras da categorização acadêmica e da identidade sexual, os Estudos da Tradução continuam a se basear naqueles primeiros mapas e modelos para inventar a si mesmos e suas referências propensas à mudança, nas encruzilhadas das disciplinas acadêmicas, e frequentemente nas margens, em comparação a centros de instituições acadêmicas mais tradicionais.

À medida em que vocês, eu e outros prossigamos na tarefa de expandir nossa perspectiva nas diversas áreas de atuação que constituem o legado de Holmes para nós, como estudiosos dos Estudos da Tradução, torna-se cada vez mais evidente — ou melhor, inegável — que Holmes estava tão envolvido com a vida de ativista gay em Amsterdã ou como parte daquela florescente cena leather, assim como estava com a tradução de poesia e ficção em prosa do holandês, seja ao lado do companheiro de vida Hans van der Merle ou sozinho, sem falar na produção de pesquisas teóricas no final dos anos 60 e início dos 70, que foi fundamental para que os Estudos da Tradução se estabelecesse como uma disciplina acadêmica e independente. O ofício na tradução também acompanhou o seu próprio trabalho enquanto era chamado de “pink poet” e até mesmo de “leather poet” por direito próprio, bem como a promoção do trabalho de terceiros, atuando como cofundador da livraria Vrolijk Gay and Lesbian em Amsterdam, que já comemora mais de 35 anos de existência. Nesse contexto de intensa atividade e ativismo literário, cultural e sexual, ele nunca considerou necessário fazer o doutorado; na verdade, parecia preferir as margens das instituições acadêmicas a centros de poder, autoridade e prestígio, e não está claro se essas esferas superiores de prestígio institucionalizado

estariam abertas a ele, mesmo que suas ambições (anti)acadêmicas assumissem essa forma específica. Nesse mesmo sentido, os Estudos da Tradução, bem como a teoria que às vezes os acompanha, não precisam explorar as possibilidades inimagináveis do leather como material teórico em sentido figurado, a não ser para reconhecer que a disciplina tem se vestido de couro desde os primeiros momentos de sua institucionalização.

Com tantos detalhes da indiscutível e assumida origem queer dos Estudos da Tradução, pode até causar certo espanto o fato de alguém achar necessário “queerizar” os Estudos da Tradução nessa altura do campeonato, como cada vez mais estudiosos se propõem a fazer, sobretudo quando partimos do pressuposto de que a pesquisa em e sobre tradução está invariavelmente relacionada a uma questão de indagar as fronteiras da língua e da cultura que são instrumentais na construção da identidade e da alteridade, e que a sexualidade é sempre parte inerente a todos os atos de comunicação e interação humanas, seja de forma aberta ou por meio de contínuos atos inconscientes de sublimação. Questões de intersubjetividade sexo-linguística como essas poderiam se estender também, de modo ideal, a questões de sexualidade/gênero, e talvez até mesmo a ponto de questionar as normas e práticas institucionais que, na academia, marginalizam e circunscrevem certos tipos de discurso acadêmico. Após a consolidação da disciplina, a partir de meados da década de 1990, as reflexões sobre questões de sexualidade e gênero passaram de um complicado processo de *coming out* a um período de crise e conflito institucional no qual grande número de acadêmicos e temas de pesquisa é destituído de um lugar na academia, em prol dos interesses neoliberais orientados pelo mercado, ou quem sabe até por interesses políticos e econômicos de cunho autoritário.

É precisamente por esse motivo que desejo reestabelecer a disciplina de Estudos da Tradução ao seu pai gay fora do padrão — um *daddy* de Amsterdã que curtia couro —, através das traduções de poesia holandesa moderna que fazia para o inglês, e assim, pretendo demonstrar que qualquer tentativa de “queerização” que possa hoje ser realizada nos Estudos de Tradução, pelo menos as

que almejam partir de Holmes como um precursor histórico, pode muito bem se beneficiar de ser articulada e exercida em diálogos mais estreitos com projetos de ativismo político, de crítica institucional, que busquem solidificar a comunidade cultural por meio da produção literária e artística, e de apelos por mudanças políticas concretas. Esse tipo de prática política e acadêmica pode compreender não apenas questionamentos, mas também, em muitos casos, demolir estruturas que governam a vida acadêmica e regulam as condições de trabalho, pesquisa e ensino, e ter a coragem de escolher espaços marginais em vez de reconhecidos centros de poder, prestígio e produção acadêmica elitista. À luz desses movimentos projetados, que aspecto então teria o perpétuo *coming out* institucional dos Estudos da Tradução?

Para começar a investigar esse campo de questões, será útil definir como ponto de partida um texto da canadense Luise von Flotow (2001), pesquisadora na área dos Estudos da Tradução, que li pela primeira vez no site do periódico italiano *Textus*, e que é uma espécie de reflexão ou estudo de caso para “queerizar” a disciplina ou reconhecer sua queerness inerente, e nesse sentido fornece um exemplo inestimável da função crítica da teoria da tradução como uma questionadora de disciplinas consolidadas. Com o título evocativo “Gender in Translation: The Issues Go On”, o ensaio parece se situar em um espaço claro e definido, em um encontro como este, com uma professora explorando com alunos e ouvintes engajados — na Universidade Concórdia, em Montreal, creio — os limites da pesquisa acadêmica em gênero e tradução, e indagando sobre as possibilidades de seu futuro como disciplina. Como seria de se esperar, ela chega à questão dos estudos queer da tradução e começa a postulá-los como parte inseparável do que fazemos como estudiosos de gênero e tradução, chegando a ponto de perguntar: “Então, existe uma tradução francesa para queer? Alguém sugeriu ‘*cuir*’, também usado para se referir a ‘couro’. Pensei em ‘*cuire*’ como se fala para cozinhar, traduções miméticas de palavras ho-

mófonas que ressoam com certos estereótipos de queerness<sup>6</sup>” (Von Flotow, 2001, p. 4, minha tradução).

Esse tipo de catacrese, múltipla e sobreposta, notoriamente vaga, que pode resultar dessa justaposição de trocadilhos multilíngues talvez deixe a porta aberta para o contra-argumento emergente que proponho aqui: isto é, que o *leather* não é exatamente uma reflexão tardia para a disciplina dos Estudos da Tradução, mas de fato é um elemento tão fundamental tal qual a queerness. Se estendermos o trocadilho tradutório para o par linguístico com que Holmes mais trabalhou, holandês-inglês, encontraremos o vocábulo holandês para “couro”, *leer*, que para qualquer pessoa que entende alemão considera um falso cognato, ou algo que nos faz um favor em sua falsidade. Aliás, a palavra *leer*, presente em mais de uma língua em circulação aqui nesse suposto início dos Estudos da Tradução, em alemão significa “vazio”, de modo que esse couro tradutório é uma pele, essa membrana ou invólucro cortado de outro organismo vivo, um que é cheio de significado e ao mesmo tempo “queeramente” desprovido dele, dependendo da quantidade e da qualidade de reflexão que lhe é dada.

Leder/leer/cuir/queer, Netherlands/Leatherlands: nesse deslize e fluidez entre homônimos e rimas muitas vezes imperfeitas, sempre essenciais para a tradução de qualquer texto poético ou teórico que produza um jogo de palavras, começamos a nos aproximar mais das possibilidades praticáveis que a queerness representa na tradução, nas quais pares linguísticos se tornam múltiplos, e em que as questões da prática são abertamente sexualizadas ao mesmo tempo que são rerepresentadas a uma compreensão diferente do conceito de disciplina, um conceito que se veste de couro, e que traz as suas próprias formas de prazer. Se a queerness algum dia significasse a mesma coisa para todos, e se seus significados pudessem ser impostos de forma absoluta de um espaço linguístico

---

<sup>6</sup> N. do T.: “So, is there a French translation for ‘queer’? Someone suggested ‘cuir’ as in leather. I thought of ‘cuire’ as in cooking, mimetic homophonous translations that resonate with certain stereotypes of queerness.”

para outro, então tal política de tradução não seria mais queer, e provavelmente nunca o fosse em primeiro lugar. Como o próprio Holmes aponta em uma entrevista<sup>7</sup>:

Um dos problemas da humanidade – afirma do púlpito – é que existe uma certa parcela de pessoas que têm medo de confiar em si mesmas e de encontrar o seu próprio padrão de desenvolvimento. Elas têm que ter uma lista de regras rígidas com as quais precisam agir de acordo, senão [...]. Não acho que essa seja uma maneira de alguém realmente aprender a viver. Um clube não é muito divertido, a menos que pelo menos alguns dos membros estejam brincando com as regras e usando-as ironicamente. Gosto de fazer isso: fazer as coisas um pouco diferente; apontar o quão relativas são as coisas (minha tradução)<sup>8</sup>.

Seria essa abordagem irônica, experimental e imprevisível da cena leather — ainda que parta do centro dela — uma outra maneira de entender Holmes como uma figura tradutória incorporada e multiplamente engajada, talvez até mesmo como um modelo emblemático de tradutibilidade? Para tanto, gostaria de expor uma breve apresentação de slides de materiais de arquivo organizados em torno de três temas. O primeiro é o couro. Embora seja possível discernir imagens das revistas *beefcakes* de meados do século XX que apontam para um vocabulário visual em desenvolvimento, que só mais tarde se tornaria parte de uma cena abrangente, é importante ter

---

<sup>7</sup> N. do T.: A referência dessa entrevista não foi mencionada pelo autor. Ela provavelmente se encontra entre os acervos relacionados a Holmes, aos quais não tivemos acesso.

<sup>8</sup> N. do T.: “One of the problems of humanity —he says from his pulpit— is that there is a certain portion of people who are afraid of trusting in themselves and finding their own pattern of development. They have to have a list of hard-and-fast rules that you need to go by or else [...] I don’t think it’s a way that anyone can really learn to live. A club isn’t much fun unless at least some of the members are playing around with the rules and using them ironically. I like to do that: do things just a little bit differently; point up how relative things are.”

em mente o nível de censura que materiais de cunho homossexual recebiam de modo geral, em particular o nu masculino.

Para dar apenas um exemplo que pode parecer um desvio temático, mas que é útil apenas para demonstrar que materiais que retratavam o lesbianismo dificilmente se saíram melhor nesse período; embora o *pulp fiction* lésbico certamente existisse, as diretrizes temáticas restringiam qualquer narrativa que se afastasse do modelo punitivo, como fica evidenciado nessas legendas [dos slides]. Talvez ao amor lésbico fosse permitido pronunciar seu nome, mas somente se confessasse seus pecados, admitisse sua culpa e aceitasse a sentença de desaprovação social como natural e inevitável. Como apontou uma recente exposição de *pulp fiction* lésbico no International Gay Lesbian Archives da Biblioteca Pública de Amsterdã, seria apenas com a publicação do romance de Patricia Highsmith, *O preço do sal* (1952), ainda que sob o pseudônimo de Claire Morgan, que a ficção lésbica permitiria um final feliz em que duas mulheres possam viver juntas (alguns de vocês podem estar familiarizados com esse romance em sua reencarnação mais recente: a versão cinematográfica de 2015 dirigida por Todd Haynes com um novo título, o nome de sua protagonista: *Carol*.)

O que é mais vale notar aqui, com esse exemplo talvez tangencial, é como, feito o levantamento da censura da pornografia homossexual no final dos anos 60 e início dos anos 70, esses assuntos separados e excluídos começavam, por vezes, a alcançar esferas de debates cada vez mais alargadas de um público que passa a dialogar entre si, e até mesmo a adentrar a instituição acadêmica formando uma disciplina à parte, denominada *homostudies*, outra disciplina acadêmica em que Holmes desempenhou um papel fundamental em seu desenvolvimento, permitindo discussões que envolviam não apenas a cena leather gay, mas também a cena leather lésbica, conforme fica evidenciado pela visita da autora sapatão e sadomasoquista Pat Califia – hoje homem trans, Patrick — ao Programa de Estudos Homossexuais em Utrecht para falar ao lado de Jim Holmes e outros no início dos anos 80.

Ainda mais importante: que exemplo esse diálogo entre artistas e ativistas gays e lésbicas do leather tem a oferecer às pesquisadoras e aos pesquisadores da tradução engajados com uma discussão mais inclusiva de gênero e sexualidade na disciplina hoje? Pode ser que cada um de nós esteja mais disposto a suspender nossa própria política identitária, pelo menos temporariamente, de modo a dar espaço para que outras, outros e outres possam falar e ser ouvidos. Ou, ainda, pode ser que, independentemente de como se possa reconhecer a identidade sexual (gay, lésbica, leather), ela nunca seja um valor estático e que nenhum de nós esteja completamente no controle dos termos pelos quais cada um pode se definir em dada circunstância; o leather como significante está sempre em processo de ser colocado, retirado, talvez até mesmo usado por outra pessoa. Podemos até ser leather sem realmente usar couro em determinado momento, mas outros sempre terão seus próprios entendimentos acerca desse significante, o qual nunca poderemos reivindicar em definitivo. Sob quais circunstâncias cada um estaria disposto a realizar esse tipo de salto tradutório: ou seja, abrir espaço para ouvir o outro, entendê-lo em seus próprios termos, e não simplesmente nos nossos, e até mesmo representar seus interesses ou aqueles que partam de qualquer outra forma, radicalmente diferente, de identidade sexual ou de gênero por meio do ato da tradução? Estamos prontos para isso? Será que algum dia estaremos?

Enquanto isso, voltemos ao bar: na cena leather da década de 1970, há uma série de desenvolvimentos culturais em ação nas áreas da literatura, da arte e a criação de um espaço social em que se pode imaginar o que até então era inimaginável: aquilo que se pode começar a chamar de comunidade leather. O que é impressionante aqui é como Holmes está perto de muitas pessoas influentes deste mundo; sua amizade com Rob Meijer, um dos mais importantes fabricantes de roupas e acessórios em couro, que também tinha uma galeria de arte para eventos culturais, muitos dos quais organizados por Holmes. Sua loja em Amsterdã acabou levando-o a abrir outra em Nova Iorque, a mesma via tradutória em que Holmes atuava, como tradutor de holandês-inglês e como

ativista gay. Nos arquivos, encontram-se inúmeros exemplos de tais eventos, que apontam para um desenvolvimento da dimensão cultural e artística da cena leather neste período, em que os bares também serviam como espaços não apenas para beber e fazer sexo, mas também para a leitura de poemas e exposições artísticas.

Um desses locais era o Spijker Bar, em Kerkstraat 4, próximo ao canal Leidsegracht. Era ali que Holmes saía com frequência, jogava sinuca, e embora Holmes não esteja mais conosco, a mesa de sinuca permanece no mesmo lugar. Certa vez ele escreveu que provavelmente teríamos escrito muito mais poesia e até mesmo terminado seu poema épico “Billy the Crisco Kid”, não fosse pelo prazer de ir ao bar e jogar sinuca com os amigos. Como alguém que também passou muito tempo procrastinando com amigos no Spijker, posso atestar que é continua sendo um ponto de encontro da comunidade tão importante como nunca e, com seu elenco multilíngue de frequentadores assíduos, permanece sendo até hoje um local privilegiado para imaginar a relação entre tradução e sexualidades queer. Embora o bar seja predominantemente voltado a um público gay masculino e forneça um espaço necessário para que um grupo específico de pessoas possa se reunir e interagir entre si, não é estritamente exclusivo; mulheres que se identificam como heterossexuais, pessoas trans e outras também passaram a se considerar membros regulares.

### **Os Estudos da Tradução pegam aids**

O segundo eixo temático que gostaria de abordar aqui diz respeito ao HIV/aids; para aqueles que não viveram a década de 1980 como parte de um dos grupos diretamente afetados pela epidemia, pode ser difícil imaginar a dimensão da estigmatização social à qual não apenas as pessoas suspeitas de terem contraído o vírus eram submetidas, mas qualquer homem gay em geral que vivia nesse período, que se estende desde o início dos anos 80 até a chegada do coquetel triplo em meados dos anos 90. Basta olhar para as man-

chetes da edição de 20 a 26 de janeiro de 1985 do semanário gay *New York Native*, em que James Holmes foi entrevistado sobre sua obra poética, sua atividade acadêmica e seu ativismo político, para termos noção do quão pervasiva era essa campanha de histeria que atuava naquela época.

Nas entrevistas que Holmes concedeu por volta do último ano de sua vida, vislumbramos essa consciência de como a epidemia da aids começava a dar cabo a muitos dos projetos que haviam trazido à cena leather uma dimensão cultural. Nessas entrevistas, Holmes fala abertamente sobre como ele provavelmente vai morrer, mas acrescenta que o mais importante é como ele lidará com isso, como um poeta, aquele que pensa na eternidade com seriedade, mesmo que essa eternidade esteja de certa forma assegurada. E, no entanto, apesar de ter escrito um poema para um jovem amante que morreu de overdose de drogas em 1982, aparentemente não há em sua obra criativa qualquer outro poema que aborde diretamente a morte por aids, um silêncio que talvez mereça ser discutido em algum momento posterior. O que serviu de alento, ao fazer essa pesquisa em Amsterdã no contexto atual, foi perceber que a vida das pessoas com HIV/aids era radicalmente diferente, e que o estigma e a histeria dos anos 80 deram lugar a imagens positivas e à afirmação da vida.

Um dos contatos mais importantes que tive durante minha estada na Holanda foi uma série de visitas que fiz à casa de uma ex-aluna e amiga de Holmes, Marita Kielson Lauritz, para conferir a coleção de acervos que ela guardou por trinta anos desde a morte do poeta. Ela era uma das duas pessoas que estavam no hospital quando Holmes faleceu e escreveu um de seus obituários, no qual cita o poema acima, aquele que fora escrito para outra pessoa, mas que, de certa forma, acabou sendo escrito para ele também. Entre os materiais relacionados a Holmes, em meio a muitos periódicos em que as traduções dele foram publicadas e aos materiais do grupo de pesquisa sobre homossexualidade do qual ambos participaram, estava também um pequeno cartão com uma mensagem escrita, que Marita aparentemente havia deixado no para-brisa quando

conduziu Holmes ao hospital pela última vez, pedindo à polícia que não rebocasse seu carro. Em nossas conversas, perguntei a ela o que havia em Holmes que a inspirava tamanha dedicação como amiga; ela disse simplesmente que, como professor, ele era muito atencioso, um carinho entre professor e aluno ou entre dois amigos que pode até ultrapassar aqueles baseados em identidades sexuais ou de gênero. Mais do que uma metáfora para amor ou sexo, de que maneira a tradução pode ser entendida, talvez acima de tudo, como uma espécie de cuidado, ou mesmo uma forma de custódia textualizada de longo prazo?

Também falamos a respeito do monumento de tradução projetado por Lawrence Weiner (2018), uma pequena pedra bilíngue no Spui, uma praça movimentada no centro de Amsterdã, gravada com a inscrição bilíngue *Een Vertaling van de Ene Taal em de Andere / A Translation From One Language to Another*<sup>9</sup>, além de duas outras séries similares em outros cantos da praça, uma no par holandês-árabe e outra no par holandês-surinamês (idioma crioulo falado no Suriname). Marita me contou que o monumento havia sido consagrado em 1996: ironicamente, logo após o encerramento do Programa de Estudos da Tradução da Universidade de Amsterdã, e que para ela era impossível não pensar que aquelas pedras representavam o fim de uma era de tradução da qual ela, Holmes e tantos outros fizeram parte. Isso me leva a perguntar: o que mais morre de aids junto com o paciente? E talvez seja importante perguntar ainda: o que sobrevive?

### **Futuros multiculturais?**

O terceiro e último tema recorrente desses acervos que desejo abordar refere-se ao multiculturalismo, ao multilinguismo e à interseccionalidade em relação ao tópico atual da queerness da tradução e da ética da primeira pessoa. Na poesia de James Holmes e em ou-

---

<sup>9</sup> N. do T.: “Uma tradução. De uma língua para outra.”

tros acervos da época, há certas ocasiões que aludem a uma realidade multicultural, multilíngue e multiétnica. Não obstante, talvez haja um único ponto em que as maneiras de falar sobre a questão racial evoluíram de tal forma, que a maneira como Holmes tratava de tais assuntos parece um tanto datada. Um poema que fazia alusão a um encontro sexual com um homem negro satisfaz muitos desses tantos clichês familiares que afirmam que somos todos da mesma cor no escuro, e outro no qual ele chega a fazer referência aos homens negros como parceiros sexuais adequados para “gays acima do peso”, um comentário que certamente se reduz a objetificar aqueles a quem se refere. Mais uma vez, há questões sérias que precisamos trazer à tona, em torno do fetichismo e da objetificação, se não da desumanização total, como disse antes, algumas são pessoais, algumas são identificáveis em culturas como a da cena leather, mas uma discussão sobre essa objetificação generalizada não pode acontecer sem um reconhecimento da base sistêmica em que tais instâncias recorrentes de racismo ocorrem.

Embora a comunidade LGBT de Amsterdã sempre tenha sido multicultural até certo ponto, este verão foi indiscutivelmente o cenário ideal para estender ainda mais essa discussão, à medida que pessoas negras se tornavam mais visíveis e assumiam papéis de protagonistas, como vemos nestes dois cartões postais oficiais do evento: o primeiro, de 1977, mostra a importância da militância lésbica na luta por direitos iguais; o segundo, de 2016, mostra um grupo de jovens de diversos gêneros e origens culturais. Um outro anúncio do festival combina a foto de uma conhecida artista *drag* com os slogans do festival: *Be yourself / Embrace yourself / Love yourself*<sup>10</sup>. Esses slogans passaram a ser duramente criticados por aqueles que não se sentiam representados pelo festival. Não apenas a questão do que significa *be yourself* deveria ser problematizada a este ponto, de modo a questionar e repensar o conceito proposto pelo slogan como um todo, mas também uma outra tendência, talvez mais perturbadora, a de que nós somos, em suma, os únicos

---

<sup>10</sup> N. do T.: “Seja você, aceite-se, ame-se.”

responsáveis por aceitar e amar aquele *self* que identificamos e determinamos como aquilo que somos.

Qual será nosso papel como tradutores que se engajam criticamente com esse modelo de ser queer? Para mim, o que falta é um reconhecimento explícito daquilo que eu sou, independentemente da língua, cultura ou categoria de orientação sexual em que esteja articulado, algo que está sempre vinculado àqueles com os quais me imagino em conexão como parte de uma comunidade ou a ela associados como interlocutores, a despeito do idioma que falamos uns com os outros. Outro silêncio que pode ser identificado nessa edição do Europride é o da conformidade linguística, que eu afirmaria ser também um subproduto do nosso atual momento neoliberal. Somente ao inglês é permitido representar o *self* aqui, independentemente do que possamos dizer a respeito dessa identidade. Onde estão as outras línguas europeias, as línguas migrantes que transitam nesse espaço, a própria língua holandesa *sous rature*, sujeitas de apagamento por um tipo diferente de Orgulho? Como a diversidade linguística, a resistência das línguas minoritárias, podem ser às vezes mais queer do que qualquer forma de Orgulho compartilhada?

### **Algumas cuir-siderações finais?**

Em uma pesquisa sobre tradução de poesia holandesa moderna para o inglês, *The Line Forward*, publicada em 1984, o historiador britânico da tradução Yann Lovelock (1984) destaca a importância de James Holmes como um dos tradutores mais prolíficos da poesia holandesa do século XX, ao lado de outros conhecidos estudiosos da tradução, como André Lefevere, Theo Hermans e Peter Neimeijer. As traduções de Holmes, que aparentemente representam uma lista dos poetas holandeses mais conhecidos (dos quais eu nunca tinha ouvido falar antes de iniciar este projeto), são mencionadas repetidamente ao longo do volume, da mesma forma

que reapareceram em incontáveis jornais literários, antologias e outras coleções ao longo de sua vida.

Ao mesmo tempo, é possível discernir uma postura de tradução desconcertante em ação aqui, que tem menos a ver com as traduções em si, mas como elas são apresentadas. Ao contrário das incontáveis edições bilíngues que Holmes produziu, em que holandês e inglês estão lado a lado, nesse estudo acadêmico em particular todos os poemas são citados apenas nas traduções para o inglês, sem acesso ao original ou mesmo qualquer comparação das traduções com seus originais, para que outros pudessem ter uma noção clara do que ele e outros contemporâneos realizaram no ato da tradução, algo que, dada a inegável proximidade das duas línguas, me parece inconcebível.

Para dar apenas um exemplo, vejamos o poema de 1962 de Sybren Polet, intitulado “Wij-materie”, que na versão em inglês de Holmes assume um duplo sentido inteligente, “We-Matter”. Mas leiamos primeiro a versão em holandês, quer você consiga entender à primeira vista ou não — o fato de não entendemos de imediato tem um propósito:

Ik zeg. Zeg niets. Niets zeg ik dan: Wij. Het split  
dikwijls maar is, immers heeft een soort. gewicht  
van 34.3, atoomnummer 2: 2 protonen (jij  
en ik), 2 neutronen (?) en een heel kleine neutrino.  
Onder het uitzenden van een  $\lambda$ -deeltje  
ontwikkelen wij een zo sterke erotische warmte  
—gelijk aan zes volledige echtparen in hun eerste graad  
van kennismaking—dat wij materiemyistici oplossen  
in licht. Neutraal is de witheid die niets omringt, niets is, niets  
wil.  
Geen astrofysikus zweeft voorbij. Geen supersoniese engel  
ruist. –Geen adem, geen adat, geen Adam (Polet, 1984, p.  
65).

E agora, só agora, em inglês:

I say. Say nothing. I say nothing but: We. It often  
fissions but is, for it has a sp. Gravity  
of 34.3, atomic number 2:2 protons (you a  
nd I), 2 neutrons (?) and a very small neutrino.  
While emitting a lambda particle  
We develop such erotic heat  
—the equal of six married couples in the first degree  
of acquaintanceship—that we matter-mystics dissolve  
in light. Neutral is the whiteness  
that surrounds nothing, is nothing, wills  
nothing.  
No astrophysicist drifts past. No supersonic angel  
Rustles. — No atom, no angel, no Adam (Polet, 1984, p.  
65).

Ao lado do original, a tradução não precisa apagar ou obscurecer o acesso ao primeiro, mas pode permitir um acesso paralelo na edição bilíngue. O texto traduzido pode ilustrar como pegou as imagens e o vocabulário da outra língua e dançou com eles e até mesmo como se apropriou de suas metáforas de amor e sexo e as tornou parte de sua própria articulação, que novamente não as leva muito a sério, nem tem medo de brincar com elas. As partículas lambda têm suas próprias qualidades subatômicas que soam quase poéticas; eles têm spin, fatores de estranheza e charme; na verdade, foi a primeira partícula considerada estranha. Evidentemente, mesmo o mundo subatômico tem suas partículas estranhas. Ainda mais irônico é como o símbolo de lambda foi mais tarde apropriado por lésbicas e gays no início dos anos 70, e por Holmes, como um símbolo de seu movimento de libertação emergente.

Embora o autor possa não ter previsto esse significado na época em que o poema fora escrito, nas mãos do tradutor queer ou de um leitor queer atento, a partícula lambda como um símbolo daquela presença semântica indefinível da queerness, no final das contas, ganha sua devida relevância. Antes que alguém a descobrisse e a nomeasse, ela já estava lá afinal, com sua estranheza, desde sempre sujeita às leis da física. Da mesma forma, o futuro queer utópico que

alguns podem imaginar no amanhã pode já ter existido para certas pessoas em algum passado distante ou mais recente, ou talvez nossas próprias vidas possam muito bem ser consideradas utópicas para aqueles que imaginamos como parte do futuro ou do passado. Tanto o original quanto a tradução nos almejam, quer saibamos ou não, porque, como nos lembra a tradução de Holmes, *we matter*, temos nossa importância nessa contínua reação em cadeia de significado.

Ouvir, como fizemos aqui, uma língua que talvez não entendamos, mas que pode se tornar qualquer uma das línguas que aprendemos e à qual retornamos ao longo de nossas vidas, estabelece uma nova série de tarefas linguísticas para o tradutor. Para mim, isso coloca em ação uma questão recorrente: quais são os meus próprios limites linguísticos, culturais, sexuais e políticos atuais como acadêmico e profissional da tradução, e como meu trabalho atual desafia esses limites? O que exige ou implica, na prática, a tarefa de comunicação com quem está no tempo presente? E o que é ação ou prática? Embora pensar, falar, escrever e traduzir sejam, sem dúvida, atos em si mesmos, Holmes, em suas zonas interconectadas de vida e trabalho, sugere que existem atos culturais, políticos e até mesmo atos sexuais implícitos em projetos de tradução que se estendem para além dos domínios linguísticos do discurso performativo.

Então, o que esse exemplo de Holmes, desde o surgimento de pelo menos duas disciplinas acadêmicas e seus movimentos políticos e sexuais concomitantes, significa em termos práticos para mim, bem como para outros que desejam partir dele como um ponto de referência histórico para discutir a inexorável queerness de suas próprias disciplinas? Bem, pode ser simplesmente que a tradução às vezes use couro e que essa subcultura apresente suas próprias metáforas tradutórias para amor e sexo, assim como compreensões frequentemente contraditórias e divergentes e subversões implícitas do conceito de disciplina. Ou pode ser que não só tradutoras e tradutores, mas também a própria tradução — como prática e disciplina — tenham contraído aids e morrido dela, tanto no caso de James S. Holmes em 1986 e nas inúmeras ocasiões an-

tes e depois. E talvez com a mesma frequência também sobreviveu para viver, contar e traduzir inúmeras outras vidas e histórias. Ou pode ser algo tão simples como deixar a própria “ética da primeira pessoa”, flexível e irônica, propor uma abordagem às questões da disciplina acadêmica e de sua interdisciplinaridade. Tudo isso, pelo menos para alguns de nós, já incorpora o passado utópico queer que se tornou realidade para muitos dos que vieram antes de nós.

Além disso, o que essas traduções propõem para além da língua, em uma concreta atuação política social, também não está de forma alguma amarrada a um conjunto previsível de intervenções profissionais ou ativistas. Da mesma forma que Holmes, como uma figura fundamental, me levou a Amsterdã para aprender outro idioma revisitando seu próprio trabalho, entre holandês e inglês, muitos de nós que traduzimos iremos aprender e ensinar novas línguas e culturas em um ambiente global que nunca havíamos imaginado. Nosso engajamento político pode envolver uma continuação das mesmas lutas pelos direitos queer em meio a uma compreensão atual ou posterior desse termo. Ou pode ser acompanhada por uma série de práticas que não parecem nos beneficiar diretamente ou a curto prazo, que abordem, antes de tudo, questões que significam mais para os outros do que para nós; em outras palavras, uma política de alteridade que continue nos desafiando a nos colocar em risco pelos outros, ao mesmo tempo em que nos imaginamos naquele lugar sempre impossível, mas necessário, dos outros. Porque, no final, isso também é tradução.

### **Agradecimentos**

Manifesto aqui meu profundo agradecimento ao Prof. Dr. José Santaemilia Ruiz, editor da obra *Traducir para la Igualdad Sexual / Translating for Sexual Equality*, e à diretora da editora Comares, Ana del Arco Blanco, pela autorização da tradução concedida, a qual dedico à memória de Christopher Larkosh (1964-2020).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Referências

Derrida, Jacques. “Des Tours de Babel”. Tradução de Joseph F. Graham. In: Graham, Joseph F. (Ed.). *Difference in Translation*. Ithaca: Cornell UP, 1985. p. 165-207.

Foucault, Michel. *The Archaeology of Knowledge*. Tradução de A. M. Sheridan. Nova York: Pantheon, 1972.

Halberstam, Judith (Jack). *In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Transcultural Lives*. Nova York: New York University Press, 2005.

Holmes, James S. “The Name and Nature of Translation Studies” [1972]. In: Van den Broeck, Roel (Ed.). *Translated!*. Amsterdam: Rodopi, 1998. p. 67-80.

Holmes, James S. “Translation”. *Dremples 5/6 (A Lowland World Company)*. Amsterdam: [s.n.], 1977, p. 35.

Larkosh, Christopher. “Teaching-Translation-Theory: Communications horizons”. In: Dollerup, C. & Appel, Vibeke (Eds.). *Teaching Translation and Interpreting 3: New Horizons. Papers from the Third Language International Conference, Elsinore, Denmark*. Amsterdam/Nova York: Benjamin Publishing, 1996. p. 47-54.

Lovelock, Yann. *The Line Forward: A Survey of Modern Dutch Poetry in Translation*. Amsterdam: Bridges Books, 1984.

Lowland, Jacob. “The Meaning of Life”. In: Lowland, Jacob (Org.). *Martial Music: Poems for Men after Martial*. Amsterdam: Jacob Lowland, 1983. p. vii-viii.

Polet, Sybren. “Wij-Materie”. Traduzido por James S. Holmes. *The Line Forward: A Survey of Modern Dutch Poetry in Translation*, Lovelock, Yann, Amsterdam: Bridges Books, 1984, p. 65.

Von Flotow, Luise. “Gender in Translation: The Issues Go”. *Orées*, 1(2), p. 1-17, 2001.

Weiner, Lawrence. “Een vertaling van de ene taal in de andere/A translation from one language to another”. *Wikipedia Commons, the free media repository*. 24/08/2018. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Vertaling2\\_\(2\).jpg&oldid=630165053](https://commons.wikimedia.org/w/index.php?title=File:Vertaling2_(2).jpg&oldid=630165053). Acesso em 23 nov. 2023.

Recebido em: 22/08/2022

Aprovado em: 31/10/2022

Publicado em dezembro de 2022

---

Christopher Larkosh. Dartmouth, Massachusetts, United States of America.  
E-mail: [clarkosh@umassd.edu](mailto:clarkosh@umassd.edu). <https://orcid.org/0000-0002-4081-4901>.  
André Luís Leite de Menezes Berndt. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.  
E-mail: [andreluisleite13@gmail.com](mailto:andreluisleite13@gmail.com). <https://orcid.org/0000-0001-8882-0166>.